

Teoria da narrativa e teorias da História na obra de Marcel Proust

Carlos Augusto Silva

Universidade de São Paulo (USP)

carloslitertum@yahoo.com.br

Retirar a obra de Marcel Proust da casa de bonecas na qual foi colocada por muito tempo na história do imaginário literário e cultural do Ocidente. Talvez esse seja um dos principais propósitos da pesquisa que se engendra no projeto “Teoria da narrativa e teorias da História na obra de Marcel Proust”, em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada, sob a orientação do Prof. Dr. Jorge de Almeida.

O que queremos dizer com “casa de bonecas”, aqui usado de forma evidentemente jocosa e peremptória? Proust predominantemente permeia o imaginário do público leitor ou daqueles minimamente interessados em literatura como um autor do sentimento, das memórias de infância, das recordações incontroláveis. É também visto como leitura difícil, colosso de três mil páginas a ser enfrentado por leitores pacientes; uma escrita por demais pormenorizada, detalhada, muito descritiva ou demasiadamente derramada/reflexiva, para alguns, verborrágica até.

Outro caráter que o senso comum tem a respeito de Proust alçou ao seu nome as características de literatura perfumada, muito refinada, destinada às camadas da sociedade que tiveram o privilégio de uma educação refinada, plural e capaz de apreciar as nuances do texto proustiano. Literatura a respeito de festas e chás, bolos e flores, bailes e concertos povoados por uma elite cultural, financeira e histórica. Leitura para poucos, com margem mínima de contato com a realidade vigente nos tempos atuais.

O que teria Proust a dizer ao leitor do século XXI? Como a sua obra, se tem mesmo as características acima elencadas, pode ser de interesse para algum leitor ou estudioso das humanidades em tempos tão contraditórios, de constantes mutações, múltiplas verdades e discursos que tentam cooptar pessoas, segregá-las em guetos ideológicos e/ou partidários?

Nossa pesquisa, em início e andamento, tenta mostrar como Proust é muito mais que um autor a respeito de bailes e chás, bolos e cafés, recordações e meditações apáticas

diante do mundo que cercava a voz do narrador de *Em busca do tempo perdido*, talvez o maior personagem da história da literatura, por falar por três mil páginas, e pelo modo como fala, se estrutura e se alimenta de discurso. Temos, através da voz que apresenta *Em busca do tempo perdido*, uma instância emissora que nos apresenta um painel da psicologia, do pensamento, do sentimento humanos, sem dúvida, mas igualmente nos coloca diante de um imenso painel histórico e social, no qual a grande história (a dos contextos socioculturais, econômicos e conjunturais são apresentados, analisados e explicados) e a pequena história (a das famílias, das intimidades, dos sentimentos, dos modos de amar, odiar, ambicionar, perder e conquistar, viver e conviver), mostram-se em detalhes significativos, alegóricos, simbólicos.

A pequena e a grande história requerem dos historiadores e dos escritores abordagens estilísticas diferenciadas. Trata-se de uma maneira de conceber o texto a partir de premissas que intentam deixar claro, para o leitor, a construção de uma verdade e de um texto no qual o verossímil convença o leitor (a partir de argumentos, instrumentos retóricos, recortes da realidade, posição do ponto de vista) de que aquele texto, mais do que mencionar temas, elabora uma verdade a respeito deles.

Se todo tempo vivido é tempo narrado, como propõe Paul Ricoeur (1983) em sua obra *Tempo e narrativa*, essa narração requer o uso de estratégias estabelecidas pela tradição historiográfica e literária, as duas áreas do saber em que o uso da narrativa se faz presente desde os primórdios.

A obra de Proust nos coloca em um momento de tensão: temos uma escrita claramente autobiográfica, mas que ao mesmo tempo requer para si as liberdades de uma narração ficcional: a liberdade de criação e interpretação; o julgamento e as hipóteses levantadas a respeito da realidade e da vida; o trânsito livre para idas e vindas no tempo, com recursos da memória individual e coletiva; o julgamento, por parte do narrador, de escolhas e caminhos adotados pelos personagens, particularmente, ou pela coletividade de seu tempo; hipóteses a respeito do destino que essa coletividade teria pela frente devido as escolhas que – consciente ou inconscientemente – fez.

O Caso Dreyfus – recorte chave para a nossa pesquisa – aparece como exemplo basilar dessa requisição do narrador para ser, simultaneamente, uma instância artística e filosófica, literária e documental, reflexiva e autorreflexiva, literária e historiográfica.

O Caso Dreyfus, ao mesmo tempo em que apresenta para os leitores um episódio célebre e múltiplo em suas abordagens, torna possível para o leitor observar como a grande história se manifesta na pequena história, ou seja, influencia a natureza do comportamento, das divisões sociais, dos afetos, dos valores familiares e sociais, dos lugares que cada classe deve ocupar, e como os afetos lidam com essas escolhas impostas por algo que se movimenta para além dos princípios pessoais, ou seja, como a grande história influencia e determina os rumos da pequena história e mais, como os agentes (governos, poderes judiciais ou políticos) da grande história sabem fazer a gestão dos problemas e temas por eles escolhidos, de modo a fazer com que combinem com o *ethos* e com a história de seu povo; seus imaginários, seus afetos e desafetos constituídos na história, suas disposições e indisposições para comprar este ou aquele discurso a respeito da verdade.

Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1990), em *A invenção das tradições*, alertam-nos para o fato de que, para que algo seja colocado pelos gestores dos poderes à população, é preciso verificar, *a priori*, a disposição desse povo para comprar tal ou qual discurso. Isso diz muito sobre a sociedade francesa e europeia da época narrada por Proust, pronta para comprar o discurso antidreyfusista, alimentado por um *ethos* antissemita cujo aroma sempre rondou a Europa, mas pode dizer muito, hoje, em especial para as nações que compram discursos ultraconservadores, o quanto já havia, em nosso modo de ser, um terreno fértil para que uma fala aparentemente condenável por qualquer pessoa que reivindicasse para si um lugar de bom senso, se faça predominante, aceite, e se converta num pacto apolítico no cenário mais político que se pode conceber para uma democracia republicana: uma campanha eleitoral para a presidência da república.

Como o povo francês se deixou levar por um discurso sem discurso? Em momento algum é dado ao Capitão Dreyfus o direito de fala, defesa, réplica, revisão do caso. A condenação se dá com provas que não provam, com elementos sem qualquer robustez para determinar uma condenação. Como isso foi possível? Assim, podemos nos perguntar, hoje, se pensarmos em Aristóteles quando diz, em seu livro sobre a política, que fazer política é um exercício próprio da palavra, do discurso, como pôde um candidato à presidência se eleger sem discurso, sem debate, sem palanque, sem proposta,

sem plano claro de governança, alicerçando-se em gestos primatas que remetem à violência, e não à fraternidade ou apaziguamento de desigualdades.

O Caso Dreyfus é um problema plural: questão jurídica, histórica, de *ethos*, antisemita, de classe, paranoia coletiva, escolha deliberada – ou manipulada – de um povo por um discurso, por uma narrativa que se apresentava ou lhes era colocada como a única possível de ser comprada como verdade. Não eram necessárias provas contundentes. O atual cenário político do Brasil e do mundo também é por demais complexo: divide sociedades, fatia nações, faz com que valores que penávamos inabaláveis de nossa personalidade sejam colocados em questão.

Percebemos, hoje, um desvirtuar dos princípios básicos da retórica moderna, estabelecida por Chaim Perelmann (2000), em seu *Tratado da argumentação*, no qual a percepção das disposições da plateia determina o comportamento do emissor de um discurso: quem vai falar, e pretende com sua fala convencer, faz uma seleção vocabular e terminológica. A plateia determina igualmente a performance enunciativa daquele que faz uso do discurso. Mas e quando não há discurso? E quando não há fala? E quando não há provas, mas apenas a manifestação de impressões ou desejos íntimos por muito tempo escondidos em nós, e que encontraram, em uma determinada época e ocasião, palco para se estabelecer como verdade diante da nação?

Hoje ou no romance de Proust o silêncio se transforma em performance enunciativa, e a fala, quando vem, por mais desarticulada, imoral, inapta ao paladar da racionalidade e da defesa de princípios básicos – como os do Estado Democrático de Direito ou o do respeito às diferenças e supressão das desigualdades – se faz presente, é digerido com leveza por uma plateia que anseia, movida por desejos que se confundem com instintos irracionais e primatas, por separação, privilégios, acomodação, e não a supressão das desigualdades.

Civilizados, livres, iguais e fraternos? Até quando? Caberia perguntar aos franceses da época de Proust. Cordiais? Até que ponto? Caberia perguntar aos brasileiros de hoje. Democráticos e unidos por um senso de pertencimento equânime e igualitário? Caberia perguntar aos norte-americanos.

Esta arte do convencimento, seja por agentes da grande história, em sua dimensão política, ou por um narrador reflexivo e autorreflexivo, por parte dos narradores

ou instâncias enunciativas poéticas, tanto sobre os temas elencados, como a respeito da própria escrita, coloca o livro de Proust em um delicado ponto de tensão entre literatura e história, entre o modo de narrar e a retórica jurídica, tanto entre os personagens como por parte do narrador diante de seu leitor. O último volume de *Em busca do tempo perdido* chega a um nível extremo de saturação desses problemas: é quando, sem pudor, no intento de convencer sua plateia, o narrador constrói uma espécie de “poética” da sua própria obra e de como ele acreditava que deveria se organizar e pensar um livro capaz de trazer ao leitor um sumo de verdade.

Toda obra de ficção situa-se no tempo e no espaço, e isso não é privilégio da obra proustiana. No entanto, a época por Proust retratada, densa, conturbada, mais que de transição entre um período e outro, de transição entre um espírito de época e outro, aparece na *Busca do tempo perdido* de um modo tão homogêneo, diluído pela linguagem, pelo desenrolar de sua diegese, que merece ser estudada sob um viés literário e também histórico, como pretendemos demonstrar na nossa pesquisa em andamento, na qual proporemos verificar de que maneira as mimeses históricas se realizam na obra de Proust, já que o texto historiográfico não revela verdades, mas assim como o literário, cria verdades.

O aspecto autorreflexivo da obra de Proust abre as cortinas para os bastidores da obra literária, revela suas engrenagens e estratégias ao mesmo tempo em que as costura e constrói. Como nos coloca Roland Barthes, a *Busca do tempo perdido...* é a história de uma escritura, e são esses aspectos dos bastidores que nos interessa investigar: não apenas o que se mostra, mas o como se mostra.

Em outros termos, não se trata de comparar o que existe no romance e o que existe na historiografia, algo já feito por muitos estudiosos, como por exemplo Eric Hobsbawn, quando, em *A era dos Impérios*, recorre a Proust para tecer relações entre o período estudado e o que aparece na obra do autor francês; ou Arno J. Mayer, quando vai à Proust e recorta sua opinião a respeito dos aristocratas para fundamentar a sua própria, em *A força da tradição*; ou Eugen Weber, em *França Fin-de-siècle*, quando compara o registro historiográfico com o registro literário, e mostra similaridades de conteúdo, sem debater a forma de apresentação destes conteúdos.

Pretendemos um diálogo da obra de Proust com a Teoria da História na tentativa de ampliar a compreensão dos recursos da linguagem narrativa e suas manifestações no campo da História presentes no romance. A respeito dessa abordagem, como se sabe, depois da Nova História, muito já se fez em teoria, por exemplo, em *Meta-História* (Hayden White), *Tempo e narrativa*, (Paul Ricoeur), *A Nova História* (Jacques Le Goff), e *Razão histórica* (Jörn Rüsen).

Apontam Malcolm Bradbury e James Mcfarlane (1998), a respeito da obra de Proust, que se trata de “uma grande sátira social e um dos maiores romances psicológicos já escritos”, e que o romance proustiano “contém uma sociedade imensa nos dois sentidos da palavra ‘sociedade’”. É possível ler o romance como a principal sátira social da belle époque francesa, pois, como observou Edmund Wilson, Proust foi “talvez o último grande historiador dos amores, da sociedade, da inteligência, da diplomacia, da literatura e da arte da cultura capitalista”. Nesse imenso painel, que varia da tragédia à comédia, do tom solene e dramático ao satírico, é necessário perceber a imensa contribuição que Proust deixou aos seus leitores e a toda a tradição literária, não somente no que diz respeito à compreensão de seu período, mas no papel que atribui à literatura como instância capaz de recuperar a pequena história das intimidades, fracionada em seus indivíduos e perspectivas conflitantes.

Importante dizer que, a despeito de se tratar de uma pesquisa que dialoga com diversas áreas do conhecimento, é a partir do romance de Proust que toda e qualquer interpretação se dará.

Filósofos e teóricos da História utilizam em seus textos, a respeito da natureza da ciência histórica, expressões como “tessitura da narrativa” / “armação da intriga” (Ricoeur), “metáfora” / “ironia” (White), “paixões” (Rüsen). O enfoque por eles dado sempre coloca a construção do texto histórico como algo subjetivo, submetido a processos de seleção, recortes, linguagem, estilo. Trabalho documental, mas longe de uma pretensa objetividade, pois diante do documento o historiador é levado a fazer perguntas a eles, de modo a deles tirar as informações para a sua coleta de pesquisa. Sendo objetivos os documentos, as perguntas variarão de historiador para historiador, fazendo com que nelas haja algo de particular, levando os rumos do estilo, do conteúdo, das “verdades” históricas para um caminho que, fatalmente, variará de um historiador para outro, tal como variaria

a descrição de uma mesma fotografia nas mãos de vários romancistas, como, por exemplo, nos retratos e recortes tão diferentes que fazem da França final do séc. XIX e início do XX autores como Anatole France, André Gide e o próprio Proust.

Esperamos, com esta pesquisa de Doutorado, demonstrar as várias possibilidades de transmissão de sentido e significado a partir de uma mesma matriz, sendo esta matriz o modo narrativo. Pensamos que ela será de valia para os estudos literários por propor uma maneira mais abrangente da percepção da História, vista como narrativa, na obra de Proust, uma maneira que não descarta, mas sim potencializa as nuances estruturais, discursivas e de estilo. Sendo mais claro, trata-se de uma pesquisa sobre a natureza da narrativa histórica, literária e dos sentidos que ambas despertam, seus pontos de confluência e de separação a fim de vermos como os procedimentos estéticos e literários da obra de Proust produzem uma mimese histórica, mimese histórica que foi categorizada no primeiro tomo de *Tempo e narrativa*, de Paul Ricoeur.

Buscaremos aferir nossas hipóteses por um viés sobretudo teórico, não meramente comparativo entre os fatos ficcionais e os registros historiográficos, colocando assim as categorias da teoria da ciência histórica – narrativa por natureza –, diante das questões da arte literária como construção de uma verdade que contempla a unidade do objeto artístico, no caso, a *Busca do tempo perdido*, de Proust. Pensamos, também, que trazer esses temas para uma relação com os estudos sobre o tempo e a narrativa, categorias muito presentes na obra proustiana, seja conveniente e ideal para uma abordagem mais consistente, já que o tempo e a narrativa são palco e cenário tanto da História como da Literatura.

Por mais distantes que esses temas possam se parecer no tempo e no espaço, na medida em que se aproxima o centenário de morte de Marcel Proust, cujo falecimento se deu em 1922, vemos como ele se mostra pertinente e contundente nos dias de hoje, em que a adoção de discursos e de narrativas, entre veículos de comunicação ou por via de redes sociais, acaba conduzindo massas, países, classes para um rumo ou outro na condução de suas histórias. Por isso, também, o Caso Dreyfus será nosso principal mote de análise. Em um mundo em que impera o estatuto da pós-verdade, a criação de paranoias coletivas tornou-se mais que instrumental político, mas também ressoa nas

relações familiares, sociais, de afeto e de personalidade, de amoldamento do caráter e do comportamento.

Referências bibliográficas:

ALBARET, Célest. **Senhor Proust – Lembranças recolhidas por Georges Belmont.** Trad. De Cordelia Magalhães. SP: Novo Século Editora, 2008.

ARISTOTELES. **Arte poética e arte retórica.** RJ: Ediouro, 1990.

AUERBACH, Eric. **Mimeses: a representação da realidade na literatura ocidental.** Trad. George Bernard Sperber. SP: Perspectiva, 2004.

BARTHES, Roland. **A preparação do romance: da vida à obra.** Trad. Leila Perrone Moisés. SP: Martins Fontes, 2008.

_____. **Novos ensaios críticos. O grau zero da escritura.** Trad. de Heloysa de Lima Dantas, Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. SP: Editora Cultrix, 1976.

BECKETT, Samuel. **Proust.** Trad. Arthur Nestrovski. SP: Cosac & Naify, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**(Obras Escolhidas; v. 3). Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. SP: Brasiliense, 1989.

_____. **Magia e técnica, arte e política.** (Obras Escolhidas; v. 1). Trad. Sérgio Paulo Rouanet. SP: Brasiliense, 1985

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito.** (Coleção tópicos). Trad. Paulo Neves. – 2ª ed. SP: Martins Fontes, 1999.

BLOCH, March L. B. **Apologia da história, ou, O ofício do Historiador.** Trad. André Teles. RJ: Jorge Zahar, 2001.

BRADBURY, Malcolm. MCFARLANE, James. **Modernismo: guia geral 1890-1930.** Trad. Denise Bottmann. SP: Companhia das Letras, 1989.

BOOTH, Wayne C. **A retórica da ficção.** Trad. Maria Teresa H. Guerreiro. Lisboa: Arcádia, 1980.

CITATI, Pietro. **Proust.** Trad. Rosa Freire de Aguiar. SP: Companhia das Letras, 1999.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos.** Trad. Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. RJ: Forense Universitária, 1987.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em W. Benjamin.** Campinas. SP: Editora da Unicamp/ Perspectiva, 1994.

- _____. **As formas literárias da filosofia.** In Souza, R. T. de e Duarte, R. (orgs) *Filosofia e literatura.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- GENETTE, Gerard. **Palimpsestes: literature au second degré.** Paris: Éditions du Seuil, 1982.
- _____. **Discurso da narrativa.** Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Veja Editora, 1995.
- GONÇALVES, José Aguinaldo. **Museu movente: o signo da arte em Marcel Proust.** SP: Editora UNESP; 2004.
- HOBBSAWN, Eric. **A Era dos impérios.** Trad. Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. RJ: Paz e Terra, 1988.
- _____. **Sobre história.** Trad. Cid Knipel Moreira. SP: Cia. das Letras, 1998.
- _____. e RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** RJ: Paz e Terra, 1990.
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura, vol. 01.** (Coleção Teoria). Trad. Johannes Kretschmer. SP: Editora 34, 1996.
- KOSELLECK, Reinhardt. **Futuro pasado: para una semântica de los tiempos históricos.** Trad. Norberto Smilg. Barcelona: Editora Lúmen, 1993.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória.** SP: Editora UNICAMP, 2003.
- _____. **A história nova.** Trad. Eduardo Brandão. SP: Martins Fontes, 1998.
- LEOPOLDO E SILVA, Franklin. **Proust e a compreensão da dor.** In *Discurso.* SP: USP, Ano III, No 3, 1973.
- LINS, Álvaro. **A técnica do romance em Marcel Proust** (Coleção Grandes Ensaio). RJ: Editora Civilização Brasileira, 1965.
- MACHADO, Roberto. **Deleuze, a arte e a filosofia.** RJ: Zahar, 2009.
- MAUROIS, André. **Em busca de Marcel Proust.** SP: Siciliano/ Mandarin, 1996.
- MEYERHOFF, Hans. **O tempo na literatura.** Trad. Myrian Campello. SP: Editora McGraw – Hill do Brasil, 1976.
- MOTTA, Leda Tenório da. **Proust: a violência sutil do riso.** SP: Perspectiva / Fapesp; 2007.
- NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa.** SP: Ática, 1995.
- PAINTER, George D. **Marcel Proust / Biografia.** Trad. Andrés Bosch. Barcelona: Editora Lúmen, 1967.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação - A nova retórica.** Trad. Maria Ermantina Galvão. SP: Martins Fontes, 2000.
- _____. **Retóricas.** Trad. Maria Ermantina Galvão. SP: Martins Fontes, 1997.

- PERROT, Michelle (org.) – **História da vida privada – da revolução francesa à Primeira Guerra**. Trad. Denise Bottman, partes I e II; Bernardo Joffily, partes III e IV. SP: Companhia das Letras, 1991.
- POULET, Georges. **O espaço proustiano**. Trad. Ana Luiza Borralho Martins Costa. RJ: Imago, 1992.
- PROUST, Marcel. **À la recherche du temps perdu**. 4 Tomes. Édition publiée sous la direction de Jean-Yves Tadié. Paris: Gallimard, 1987-1989.
- _____. **Em busca do tempo perdido**. 3 Volumes. Trad. Fernando Py. RJ: Ediouro, 2002.
- _____. **Em busca do tempo perdido**. 7 Volumes. Trad. Mário Quintana (Volumes 1, 2, 3 e 4), Manuel Bandeira e Lourdes Sousa de Alencar (Volume 5), Carlos Drummond de Andrade (Volume 6) e Lúcia Miguel Pereira (Volume 7). Porto Alegre / RJ: Editora Globo, 1983 - 1989.
- _____. **Sobre a leitura**. Trad. Carlos Vogt. Campinas: Pontes Editores, 1989.
- _____. **Correspondência Proust/Gallimard**. Trad. Helena Bonito Couto Pereira. – SP: Edusp/Ars Poética, 1993.
- _____. **Contre Sainte-Beuve. Notas sobre crítica e literatura**. Trad. Haroldo Ramanzini. SP: Iluminuras, 1988.
- _____. **Nas trilhas da crítica**. Trad. Plínio Augusto Coelho. SP: Edusp/Imaginário, 1994.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Narratologia**. Coimbra: Almedina, 1994.
- REUTER, Yves. **Introdução à análise do romance**. Trad. Angela Bergamini et al. – SP: Martins Fontes, 2004.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa. Tomo I**. Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1994.
- _____. **Tempo e narrativa. Tomo II**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1995.
- _____. **Tempo e narrativa. Tomo III**. Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 1997.
- _____. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.
- _____. **A metáfora viva**. Trad. Dion Davi macedo. SP: Edições Loyola, 2005.
- RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: fundamento da ciência histórica**. Trad. Estevão De Rezende Martins. Brasília DF: Editora da UnB, 2001.
- SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. Trad. Lygia Araújo Watanabe. SP: Companhia das Letras, 1988.
- SILVA, Carlos Augusto. **Dicionário Proust: as personagens de Em busca do tempo perdido – os nomes e suas variantes**. GO: Kelps / Editora da UCG. 2010.
- TADIÉ, Jean -Yves. Proust et le roman. Paris: Gallimard, 1995.

_____. Marcel Proust. *Biographie*. Tomos I e II. Paris: Gallimard, 1996.

WEBER, Eugen Joseph. **França fin-de-siècle**. Trad. Rosaura Eichenberg. SP: Companhia das Letras, 1988.

WHITE, Hayden. **Meta-história: a imagem da história do séc. XIX**. Trad. José Laurênio de Melo. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

WILLEMART, Philippe. **Proust, poeta e psicanalista**. (Coleção Ensaaios Literários 5). SP: Ateliê Editorial, 2000.

_____. **Educação sentimental em Proust**. (Coleção Ensaaios Literários 12). SP: Ateliê Editorial, 2000.

ZAGDANSKI, Stéphane. **O sexo de Proust**. Trad. Fernando Py. RJ: Jorge Zahar Ed., 1995.